

Carlos Alexandre: o pai da ciganinha¹

Ranilson de Oliveira SILVA²
Manoel Pereira da ROCHA NETO³
Universidade Potiguar, Natal, RN

RESUMO

O presente livro-reportagem visa abordar a vida artística do canto Carlos Alexandre. Por meio de visitas em acervos públicos e particulares, como também entrevistas com familiares, fãs, amigos e pessoas que conviveram foi possível reconstituir a trajetória do cantor. Desconhecido do grande público, de menino pobre abandonado pela mãe com pouco mais de um ano de idade, fardo que carregou como um martírio durante toda a sua vida a astro da música popular nacional, tida como brega. Pedro Soares Bezerra era idolatrado quando pronunciado seu nome artístico Carlos Alexandre nos programas de televisão e rádio, todavia, não deixou de lado o contato direto com o público mais simples que o projetou no cenário nacional se apresentando em circos nas periferias das grandes cidades.

Palavras-chave: Grande-reportagem, música popular, cantor potiguar.

1 INTRODUÇÃO

Independente de qualquer definição sobre o que é jornalismo, pode-se dizer que é uma fascinante batalha, diária, pela conquista de leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha, às vezes, sutil e que usa uma arma aparentemente inofensiva, a palavra, mas nem por isso menos importante (ROSSI, 1995). Uma arte que na Europa Central, os antecessores dos jornalistas eram os bardos viajantes, que reportavam e comentavam os acontecimentos do dia nas feiras e mercados, assim como os mensageiros. Os editores de livros, administradores de correios, negociantes, diplomatas e outras pessoas com fácil acesso à informação foram precursores em tempo parcial dos jornalistas.

Para Kunczik (2002, p. 22), “os primeiros jornalistas-escritores foram correspondentes dos príncipes governantes, das cidades imperiais, das cidades-estado ou das grandes casas comerciais”.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade livro-reportagem (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Universidade Potiguar (UnP), email: ranilsonoliveiras@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Universidade Potiguar (UnP), email: manupereira@unp.br.

No limiar do século XIX, o jornalismo foi considerado uma profissão de tempo “integral, onde se podia sobreviver economicamente na Europa e nos EUA. Um dos jornalistas mais destacados de sua época foi Karl Marx (KUNCZIK, 2002, p. 23).

O Livro-reportagem surgiu na década de 1960 e sua trajetória está relacionada com o período do Regime Militar, como um meio de se expressar com mais liberdade em relação às pautas e ao texto, foi assim que jornalistas e intelectuais da época conseguiram espaço, longe dos jornais que lhes impunham limites.

Na busca pelo entendimento maior sobre a modalidade livro-reportagem-perfil, Lima (1998) esclarece: “trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse” (LIMA, 1998, p. 51).

Para efeito conceitual, o livro é entendido, conforme Rabaça e Barbosa (1995), em sua obra Dicionário de comunicação (p.369), diz:

Publicação não periódica que consiste, materialmente, na reunião de folhas de papel ou material semelhante impressas ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas, ou presas por processos de encadernação e técnicas similares. Distingue-se do folheto por possuir maior número de páginas: segundo as normas da Unesco, considera-se livro a publicação com mais de 48 páginas.

No livro-reportagem é possível a elaboração de uma grande reportagem, um trabalho com mais profundidade e que requer produção, elaboração de um bom texto e a técnica de aprofundamento ao relatar as informações. É por meio dele que os leitores podem ter um olhar ampliado sobre os temas que ganharam as manchetes dos jornais diários, é nesse fato que está o prazer do aprofundamento da ampliação da notícia.

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não – periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores (LIMA, 2009, p. 26).

É um o veículo que permite um maior aprofundamento da informação, no livro-reportagem é possível uma melhor abordagem do tema e com isso, uma maior amplitude

das fontes, bem como é essencial o cuidado ao relatar os fatos, sempre apurando antes de divulgar toda e qualquer informação.

De acordo com Lima (1998), o livro-reportagem tem como objetivo informar e orientar com profundidade, o que pode ser classificado em diferentes grupos como: Livro-reportagem-depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e Livro-reportagem-viagem. Independente da sua classificação, o livro-reportagem é capaz de traduzir com riqueza de detalhes qualquer informação ao leitor, extraíndo-a das técnicas impregnadas na fala das fontes oficiais, que são bastante apreciadas pelos jornalistas no dia a dia para dar força e peso às matérias.

O uso das estratégias literárias permite universalizar o conhecimento, em uma linguagem acessível e de modo que se aproxime do leitor, sem que ele se sinta distante da sua realidade cultural. Ao contrário, o objetivo é humanizar a reportagem para que o público se identifique com a história contada.

Essa humanização se dá no momento em que as fontes oficiais são deixadas de lado, e a informação vem exatamente do cidadão comum, que não é visto, ouvido nem muito menos percebido, porém está submerso no contexto do fato, mas existe como ator e autor da própria história como protagonista, coadjuvante ou até mesmo figurante. Ainda assim fazem parte do cenário, onde os fatos se desenrolam como um carretel de linha para, depois, se transformarem em notícias ou livro.

Todos esses atores sociais são considerados inexistentes pela grande mídia e para a sociedade, mas fundamentais para se contar uma boa história principalmente através do livro-reportagem. Geralmente, são esses os personagens responsáveis pela riqueza dos detalhes que podem valorizar a reportagem, mesmo sendo invisíveis socialmente.

Através do livro-reportagem é possível realizar um trabalho com maior aprofundamento da notícia, com detalhes que no dia a dia passaria despercebido.

2 OBJETIVO

O livro-reportagem ‘Carlos Alexandre o pai da ciganinha’ tem como objetivo contar a história do cantor e compositor potiguar Pedro Soares Bezerra valorizando a sua trajetória musical e, assim, contribuindo para a historiografia do Rio Grande do Norte. Além disso, registrar a importância do artista para a música potiguar, através das suas canções que falavam das frustrações amorosas. Sua história traz à tona fatos como o drama de não ter sido criado pela família biológica, costumes como assistir televisão deitado no chão, a

paixão por carros e velocidade, até então hábitos desconhecidos pelos fãs e admiradores do criador da música ‘feiticeira’.

Outro objetivo é também, de algum modo, reconstituir parte da história musical do Rio Grande do Norte, através dele e, buscar respostas para a desvalorização do artista potiguar. Através de pesquisa exploratória nos arquivos de jornais como a Tribuna do Norte, Internet, arquivo pessoal e entrevistas com pessoas que conviveram com o homem de origem humilde que não trocou Natal pelos grandes centros da cultura brasileira. Entre os maiores sucessos está o álbum ‘Feiticeira’, por exemplo, que vendeu duzentos e cinquenta mil discos, também foi gravado em castelhano e, tocou nas rádios de países como Brasil e Portugal.

O livro-reportagem tem, em sua essência, uma maior liberdade na narrativa, o que permite abordar qualquer tema com mais profundidade, permitindo informações detalhadas, causando a proximidade com o público.

3 JUSTIFICATIVA

A justificativa deste trabalho consiste no desejo do autor contribuir com a historiografia da música potiguar através da vida e obra do cantor Carlos Alexandre. Além disso, o fato da desvalorização do artista local em solo potiguar, antigamente, era comum o êxodo de artistas, cantores e compositores, norte-rio-grandenses rumo às regiões Sul e Sudeste do Brasil, principalmente para Estados como Rio de Janeiro e São Paulo, cidades conhecidas como grandes pólos para a música. Porém, um dos poucos que não deixou o Rio Grande do Norte para tentar a vida nas grandes metrópoles brasileiras foi o cantor e compositor potiguar Pedro Soares Bezerra, conhecido artisticamente como Carlos Alexandre.

Segundo Fernando (2014, p. 67), “aqui no Rio Grande do Norte, ainda existe um agravante: além de não se respeitar nomes consagrados, não se valorizam novos talentos. Especialmente, se eles forem de origem humilde”. Apesar da desvalorização na terra natal, o artista que antes de alcançar o sucesso foi padeiro, pelo fato de trabalhar como atendente e contador de pão na padaria do seu irmão adotivo, mas que nunca assou um pão e, com instrução limitada, foi o único cantor do Brasil que ganhou discos de ouro do primeiro ao último trabalho que gravou. Mesmo assim, não recebeu, em vida, o valor merecido, ainda de acordo com Fernando (p. 103), “a cada 30 de janeiro, aniversário da sua morte, muitas

emissoras de rádio, em vários Estados do Nordeste, fazem justas homenagens a Carlos Alexandre. Aqui, na sua terra, nessa data, o silêncio é sepulcral”.

Mas apesar disso, o autor de ‘Feiticeira’ e ‘Ciganinha’ não deixou de subir aos grandes palcos brasileiros e de participar dos principais programas de televisão do país como: Buzina do Chacrinha, Programa do Bolinha, entre outros. Inicialmente o sucesso não chegou pelas terras papa-jerimum, Pernambuco e Bahia foram os primeiros Estados a contemplar o talento e a obra de Carlos Alexandre.

Ainda sobre a depreciação do artista local, parece ser uma realidade enfrentada apenas pelos artistas da terra papa-jerimum, em sua terra natal, Fernando (2014) explicita o reconhecimento de alguns estados da Região Nordeste aos seus artistas:

Em Pernambuco, Alceu Valença é idolatrado, Reginaldo Rossi é chamado de rei até pelos governantes. Cajú e Castanha se tornaram ícones da Cultura Popular. No Ceará, Falcão, o cantor que sintetiza a Cultura brega, é garoto-propaganda do governo, e ganhando bem. Ainda no Ceará, Cláudia Barroso, aos 83 anos, está em plena atividade. No Piauí, Frank Aguiar é idolatrado. Em Sergipe, Cremilda, aquela do ‘Prenda o Tadeu’ está sempre atuando. Na Paraíba, Genival Lacerda fez um especial com a Orquestra Sinfônica do seu Estado, que se transformou em um documentário. Na Bahia... é preciso falar? (FERNANDO, 2014, p.103).

Por isso, a produção desse livro-reportagem buscou registrar a vida artística e pessoal de Carlos Alexandre e, que poderá ser utilizado como fonte para pesquisadores, cantores locais, pois, a única homenagem feita pela cidade do Natal foi a Rua Cantor Carlos Alexandre, no bairro Lagoa Azul, Zona Norte de Natal, nos extremos da periferia da cidade. Bem distante da Cidade da Esperança, bairro que o acolheu quando chegou de Jacaraú no Estado da Paraíba.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O livro-reportagem ‘Carlos Alexandre o pai da ciganinha’ é um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Potiguar (UnP), que começou a ser produzido, individualmente, quase dois anos antes da disciplina Projeto de Conclusão de Curso. Após a autorização e entrevista com Maria Solange de Melo, viúva do artista, foi possível chegar a

outros parentes e amigos que indicavam outros personagens entre eles, a única professora de Carlos Alexandre durante a sua curta vida escolar. Desde as manias de menino ao homem que alcançou o sucesso e, que apesar disso, não deixou os costumes dos tempos em que viveu com pouco ou quase nada. Entrevistas com a viúva e os filhos, fãs, curiosidades como o hábito de assistir televisão deitado no chão e comer as partes menos nobres da galinha, como pés, pescoço e asas. A paixão por carros e os inúmeros acidentes automobilísticos o que o fizera afirmar que era mais fácil morrer de uma gripe do que de acidente de carro.

Além disso, foram feitas consultas em acervos de jornais como, Tribuna do Norte, internet, revistas, arquivo pessoal. As entrevistas, a maioria delas em Natal, com parentes, amigos e pessoas que conviveram com Carlos Alexandre foram realizadas de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Na busca por personagens que dessem maior credibilidade ao trabalho, o autor viajou para a cidade de Baraúna no interior do Rio Grande do Norte, distante 314 km de Natal, capital do Estado, para entrevistar Alnice Marques então Discotecária da Rádio Cabugi AM. Foi lá que o cantor conheceu o radialista Carlos Alberto de Souza que pagou a gravação do primeiro compacto que vendeu mais de cem mil cópias. O autor precisou romper as barreiras geográficas do Rio Grande do Norte e seguiu até a cidade do Recife, capital do Estado do Pernambuco, onde entrevistou um fã que possui um vasto acervo com todos os discos e compactos gravados pelo artista como também roupas que segundo ele foram usadas pelo artista nas fotos de capas de LPs e doadas pela família.

A pesquisa demandou tempo, durou quase dois anos, devido ter sido feita individualmente e a necessidade de confirmação de histórias contadas por alguns entrevistados.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O livro-reportagem ‘Carlos Alexandre o pai da cigantina’ é composto por oitenta e nove páginas e está dividido em cinco capítulos: ‘As raízes’, ‘O início’, ‘O ápice’, ‘O acidente’, e o último capítulo, por sua vez, intitulado ‘As lembranças’. Para contar a trajetória de um personagem com tantas histórias, tanto profissional quanto pessoal, o autor entrevistou mais de duas dúzias de pessoas que conviveram com o Pedrinho, como era chamado carinhosamente por familiares e amigos mais próximos.

As curiosidades, a paixão por carros e velocidade, uma entrevista concedida à Revista Contigo no ano de 1981, cópias como: documento do carro, carteira nacional de habilitação, certidão de nascimento, casamento e óbito, uma foto onde ele aparece assando pães e outra na primeira viagem a São Paulo, para gravar o primeiro compacto, recortes de jornais, entre outros, ajudam a compor a história do menino pobre nascido no interior do Rio Grande do Norte, criado no interior do Estado da Paraíba e eternizado no coração e nas lembranças de fãs espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

A última turnê contada pelos sobreviventes, Alcides Vandember de Melo, motorista e cunhado do cantor e João Maria da Silva, contrabaixista, do trágico acidente que vitimou o cantor e dois músicos de sua banda: Sérgio Roberto Ribeiro de Souza e César Lima de Souza, baterista e guitarrista, respectivamente.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao longo da elaboração deste livro-reportagem percebi a relevância do artista que praticamente é desconhecido pelas novas gerações e que marcou uma época no cenário musical não só na sua terra natal, mas em todo o Brasil. Para elaborar esse trabalho viajei para outras cidades do interior do Rio Grande do Norte e fui até o Recife. Onde foi possível um maior aprofundamento na história do personagem e conseqüentemente colocar em prática as técnicas do jornalismo. Oportunidade que aliou a teoria com a prática.

Alguns personagens foram fundamentais para a produção deste trabalho como o colecionador Cláudio Fontana, no Recife, que adotou o nome artístico de Cláudio Alexandre, em homenagem ao ídolo. No pequeno e valioso acervo, no centro da capital pernambucana, encontrei objetos que nem a família do artista possui, como gravações de rádios de Natal transmitindo para emissoras do Estado de São Paulo a tragédia que resultou na morte do autor de ‘Feiticeira’ e ‘Ciganinha’, com radialista Gil Gomes narrando a trajetória do cantor potiguar. Além disso, Cláudio possui também roupas que foram usadas por Carlos Alexandre para fazer fotos de capas de LP, essas doadas pela família. Outro personagem fundamental foi Marinaldo de Souza, uma pessoa humilde e de astral contagiante. Ele é um fã que também possui um modesto acervo, porém, de extrema importância. Conseguir um depoimento de Francisca Francelino, a única professora da vida do cantor que estudou até a quarta série do ensino fundamental, foi essencial para a credibilidade do trabalho. Aos oitenta anos, a professora ainda lembra com riqueza de

detalhes as travessuras e manias do menino Pedrinho, como era chamado carinhosamente por familiares.

A elaboração do livro-reportagem ‘Carlos Alexandre o pai da ciganinha’, confirmou a minha paixão pelo jornalismo, pois foi assim que consegui colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula. Ir em busca de fontes, sem conhecê-las, sair com poucas informações ou quase nenhuma e um ponto de referência serviram de estímulo para desbravar os caminhos e as histórias vividas pelo ‘Homem da Feiticeira’. Pesquisei em acervos públicos e privados, onde encontrei registros em jornais de Natal a cobertura completa da tragédia que vitimou o cantor e dois músicos de sua banda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**: Ática, 1995.
- KUNCZIK, Michel. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**: manual de Comunicação. Tradução: Rafael Varela Júnior, São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**: São Paulo: Palas Athena 2004.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**: São Paulo: brasiliense, 1998 (Coleção primeiros passos).
- PENA, Felipe. **Jornalismo literário**: São Paulo: Contexto, 2008.
- RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**: São Paulo: Ática, 1995.
- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros passo).
- TAVARES, Fernando Luiz. **Com a boca no trombone**. Natal: CJA Edições, 2014.